

## UMA RECRIAÇÃO FIEL: DIÁLOGOS ENTRE O AUTOR E O SEU TRADUTOR

Erlon José Paschoal  
USP

**Resumo:** A correspondência entre Curt Meyer-Clason, um dos tradutores de literatura brasileira em língua alemã mais premiados em nosso país, e João Guimarães Rosa lança luz sobre os aspectos do ofício e da missão do tradutor, no qual “cada palavra está por fio”. Nessa convivência intensa debatem-se as possibilidades e impossibilidades da tradução, sempre com muito paixão pela arte literária e zelo pelo leitor.

**Palavras-chave:** Tradução. Tradutor. Convivência.

**Abstract:** The correspondence between Curt Meyer-Clason, one of the translators of Brazilian literature in German language more rewarded in our country, and João Guimarães Rosa, throw light on the aspects of the craft and the mission of the translator, in which each word hung by a thin thread. In this intense relationship the possibilities and impossibilities of the translation are struggled, always with much passion for the literary art and zeal for the reader.

**Keywords:** Translation. Translator. Relationship.

Em um seminário realizado em Berlim em Setembro de 2007 para comemorar os dez anos de existência do *Deutscher Übersetzerfonds* (Fundo Alemão para a Tradução) alguns pontos relevantes sobre a tarefa do tradutor foram discutidos e valeria a pena mencioná-los<sup>27</sup>: que concepção lingüística orienta as nossas traduções? Até que ponto é realmente possível traduzir? Como variou ao longo do tempo o conceito de tradução? Existem critérios para uma boa tradução? Quais

---

<sup>27</sup> Revista Humboldt, nº 96, 2008, pág. 84.

seriam eles?

As palavras rotulam coisas. Assim as palavras seriam como etiquetas de coisas que se reconhece sem a língua. Esse raciocínio está fundamentado no *Crátilo* de Platão. Para ele a língua atrapalha a compreensão do mundo e só existe como meio de comunicação entre os homens. Nesse caso traduzir seria fácil. Bastaria substituir uma palavra associada a uma coisa, a um conceito, na língua de partida à palavra equivalente na língua de chegada.

Quase dois mil anos depois, Wilhelm von Humboldt assumiu a posição oposta. Segundo ele, as palavras não são apenas sons e sim a combinação da dimensão material com a dimensão espiritual. Só a partir das palavras é possível compreender o mundo e são elas que determinam a nossa visão de mundo. Como cada palavra é única em sua qualidade sonora e significativa, o acesso ao mundo depende da língua utilizada. Aceitando-se esse fato, traduzir seria impossível ou, no mínimo, extremamente difícil. Schleiermacher chegou a afirmar que cada tradução deveria deixar transparecer que é uma tentativa impossível.

Em resumo, o conceito de tradução se modificou através dos séculos, mas sempre oscilando entre dois pólos: o da fidelidade ao texto e o da interpretação do tradutor. São conceitos curiosos, bem semelhantes aos de uma relação afetiva: ou você é fiel ou comete traição, traindo o autor ao se envolver com outras palavras. Daí que a falsidade, a traição e a infidelidade sejam até hoje os piores crimes do tradutor.

Para muitos o tradutor não passa de um simples decodificador passivo, que deve se submeter ao autor em função de um conceito de obra original, como uma aura quase sagrada. Vale lembrar que o conceito de autoria e o de originalidade literária são por si só temas complexos e relativamente recentes, remontando fundamentalmente ao século XIX. Nesse contexto é importante ressaltar que o tradutor literário também é um autor, o autor de sua própria tradução, uma autoria garantida

pela lei de propriedade intelectual.

A verdade provavelmente está no meio termo porque todo tradutor oscila sempre entre dois pólos: a modéstia própria de sua posição de servidor, de submisso, e o orgulho produzido pela consciência instintiva de sua condição de criador. Mantém assim um equilíbrio sempre instável entre esses dois extremos; é esse o maior desafio do tradutor. Como afirmou certa vez Ezra Pound, existem tradutores que fracassam mais por falta de caráter do que por falta de inteligência.

O tradutor espanhol Miguel Saenz, ironizando essa situação, sugeriu que no caso dos primeiros tradutores da Bíblia havia entre autor e tradutor uma relação monacal<sup>28</sup>. O tradutor, como um monge beneditino, estaria ligado ao texto por votos não expressamente formulados de castidade, pobreza e obediência. Castidade, porque está proibido de manter com o texto original relações que não sejam puramente platônicas e formais. Além disso, o tradutor deveria praticar uma espécie de celibato intelectual e enfrentaria dificuldades sempre que pretendesse afirmar-se como escritor original. A pobreza não se devia tanto à baixa remuneração, mas a sua voluntária anulação frente ao autor: só muito recentemente, por exemplo, conseguiu-se que o seu nome aparecesse na obra traduzida.

Deixando de lado os exageros de tais comparações, é curioso assinalar como essa relação entre autor e tradutor foi alvo de interesse de grandes escritores. Ao longo dos últimos séculos a postura do autor frente ao tradutor vai do desprezo altivo à amizade mais estreita.

O escritor austríaco Thomas Bernhard, por exemplo, do qual tive o prazer de traduzir a obra teatral *Ludwig e suas irmãs*, afirmou em sua obra *Der Weltverbesserer*<sup>29</sup> que todo livro traduzido “é como um cadáver destroçado por um automóvel

<sup>28</sup> Eizie, [www.eizie.org/es/Argitalpenak/Senez/19930701/Saenz](http://www.eizie.org/es/Argitalpenak/Senez/19930701/Saenz), julho de 1983, *Autor y Traductor*.

<sup>29</sup> *Der Weltverbesserer* (O consertador do mundo), de Thomas Bernhard, em *Die Stücke*, Editora Suhrkamp, 1983, págs. 103 e 104.

até se tornar irreconhecível”. Para ele, um livro traduzido não tem nada a ver com o original e precisamente por isso reconhece que a sua autoria pertence ao tradutor. E leva adiante o seu raciocínio: “os tradutores desfiguram os originais”; “o material traduzido chega ao mercado como deformação”; “são o diletantismo e o desleixo do tradutor que tornam a tradução tão repulsiva”; “o texto traduzido é sempre asqueroso”.

Por outro lado, para muitos autores a relação com o tradutor era uma verdadeira história de amor. Milan Kundera, por exemplo, cuida e se ocupa intensamente das traduções de suas obras, e declarou que elas representam o que o mundo conhece dele. Günter Grass, por sua vez, não somente lê, analisa e acompanha as traduções de cada um de seus livros, como também recebe os tradutores em casa, convive com eles e certa feita fez uma afirmação favorável aos tradutores: quando pensou na possibilidade de não conseguir escrever, deu-se conta de que não poderia mais se reunir com seus tradutores e por isso decidiu continuar escrevendo. Jorge Luiz Borges e Ezra Pound chegaram a recomendar aos seus tradutores que traduzissem não o que escreveram, mas o que tiveram a intenção de escrever. Miguel Saenz cita também o exemplo do escritor espanhol Javier Tomeo que chegou a propor a sua tradutora alemã, Elke Wehr, um plano para quando acabasse a sua inspiração para escrever. Ele traduziria de volta para o espanhol a sua última obra traduzida para ao alemão, que seria novamente traduzida para ao alemão pela tradutora, que seria novamente traduzida para o espanhol, e assim por diante. Guimarães Rosa definiu a tradução como convivência: “traduzir é conviver”<sup>30</sup>. Ele é um dos exemplos mais notáveis de uma grande amizade surgida entre autor e tradutor, chegando algumas vezes a uma verdadeira simbiose. Em relação ao seu tradutor italiano, Edoardo Bizzarri, Rosa afirmou: “com você não tenho medo de nada!”<sup>31</sup> Numa das últimas edições

<sup>30</sup> Revista Humboldt, n° 16, 1968.

<sup>31</sup> *João Guimarães Rosa - Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*, Ed. Nova Fronteira/UFMG, 3° edição, 2003, pág. 51.

de *Grande Sertão: Veredas*, ele exigiu que se publicasse em *fac simile* a primeira página da tradução italiana.

Segundo Guimarães Rosa, a tradução de Curt Meyer-Clason para o alemão era “magistral e definitiva”<sup>32</sup>. Quando da publicação de suas obras em alemão, afirmou em uma de suas cartas que a língua alemã seria mais apta que o português para captar o universo sertanejo: “a tradução e a publicação em alemão me entusiasma, por sua lata significação cultural, e porque julgo esse idioma o mais apto a captar e a refletir todas as nuances da língua e do pensamento em que tentei vaziar os meus livros”<sup>33</sup>.

Essa relação entre autor e tradutor expressa-se de maneira eloqüente nas cartas trocadas entre ambos no período de janeiro de 1958 a agosto de 1967. Elas tratam da tradução para o alemão das principais obras de Guimarães Rosa – *Grande Sertão: Veredas*, *Corpo de Baile*, *Primeiras histórias e Sagarana* (*Grande Sertão*, *Corps de Ballet*, *Das dritte Ufes des Flusses*, *Mein Onkel der Jaguar* e *Sagarana*) - e revelam muito da intimidade entre duas pessoas sensíveis de mundos e línguas distintas e dos meandros do trabalho de um tradutor empenhado em obter o melhor resultado das criações lingüísticas de Guimarães Rosa em sua própria língua. Uma missão de vida na qual cada palavra está por fio, pois está recheada com os respectivos tesouros de seu país e só deixa entrever a sua verdadeira importância quando “pesada pelo intermediário na balança de seu coração e transformada em moeda corrente em seu país”<sup>34</sup>.

As cartas tratam pormenorizadamente das possíveis traduções para palavras e expressões utilizadas e criadas pelo autor e endereçadas a um leitor que não possuía nenhuma referência do universo por onde circulavam os personagens. O autor

<sup>32</sup> João Guimarães Rosa - *Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*, Ed. Nova Fronteira/UFMG/ABL, 1ª edição, 2003, pg.43.

<sup>33</sup> Idem, pág. 25.

<sup>34</sup> Idem, pág. 110.

participa então ativamente da tradução, dando sugestões, fazendo esclarecimentos e comentários e, muitas vezes, propondo soluções, em função do seu vasto conhecimento lingüístico, que incluía o alemão. Essa relação de amizade, na qual ambos compartilhavam objetivos comuns – Guimarães Rosa considera a tradução para o alemão a mais importante –, visa não somente à tradução das palavras, mas também do ambiente, da musicalidade e da linguagem poética que compõem a obra. Em tese, ninguém melhor que o autor para explicar as suas próprias intenções, decifrar o texto e ressaltar o que merece destaque. Essa forte amizade fazia Guimarães Rosa se referir a Curt Meyer-Clason como o melhor dos seus tradutores e o melhor tradutor do mundo, “um diabo de homem, um gênio da tradução”<sup>35</sup>.

Nesse sentido, a tradução perfeita poderia ser talvez aquela feita pelo próprio autor. Não temos na história muitos exemplos. O melhor seria, sem dúvida, o de Samuel Beckett, que na realidade escreveu a sua obra em duas línguas – o francês e o inglês. Para muitos são obras que não foram de fato traduzidas, mas escritas em duas versões, a ponto de não se saber qual é a original. O autor e o tradutor chegam ao resultado por caminhos diferentes. O tradutor parte de um texto previamente dado e a todo momento precisa assumir posições, fazer escolhas e tomar decisões. O autor tem em princípio uma liberdade absoluta. Poderíamos até deduzir daí que traduzir uma obra é mais difícil do que escrevê-la, o que naturalmente seria bastante discutível.

O tradutor tem, por outro lado, o distanciamento necessário, e o contato com o autor pode aumentar as possibilidades de se atingir o melhor resultado. Numa entrevista dada ao escritor e jornalista alemão Günter Lorenz, em 1965, Guimarães Rosa afirmou: “Confesso com muito prazer que Curt Meyer-Clason me convenceu de que uma passagem de meu romance era mais convincente em alemão que em meu original. É claro que aceito

---

<sup>35</sup> Idem, pág. 14.

isso, e em uma nova edição brasileira pretendo adaptar esta passagem à versão que Meyer-Clason encontrou em alemão. A isto eu chamo cooperação, co-pensamento.”<sup>36</sup>.

Para Meyer-Clason, a linguagem do sertanejo presente na obra de Guimarães Rosa é muito difícil de ser traduzida. Afirmou ele: “Se tentasse criar uma língua de, digamos, ‘caboclos alemães’, das várias províncias alemãs, teria sido um erro grave, já que o leitor alemão teria sido tirado do ambiente brasileiro. Inventei então uma língua nova. Uma linguagem que não fosse da cidade, uma linguagem diferente que pudesse acompanhar o tom e a música da língua brasileira. O alemão do *Grande Sertão* é facilmente compreendido pelo leitor. Ele apenas percebe que não é uma linguagem usual. Criei uma ilusão para expressar as intenções do gênio sertanejo. Como vivi no Brasil quando jovem, tinha alguma intuição do sentir do brasileiro. E por isso creio que minha tradução conseguiu reativar, imitar, recriar um pouco o âmbito, o sentir do homem brasileiro do interior. Essa era minha ambição mais alta e o Guimarães Rosa, se bem me lembro, com sua intuição de grande artista, sentiu que o tom e o som da minha fala tinham uma qualidade igual”<sup>37</sup>.

Guimarães Rosa assim se manifestou no tocante à recriação do universo singular de sua obra: “Naturalmente, eu mesmo reconheço que muitas das ‘ousadias’ expressionais têm de ser perdidas, em qualquer tradução. O mais importante, no livro, o verdadeiramente essencial, é o conteúdo. A tentativa de reproduzir tudo, tudo, tom a tom, faísca a faísca, golpe a golpe, o monólogo sertanejo exacerbado, seria empreendimento gigantesco e chinesamente minuciosíssimo, obra de árdua recriação, custosa, temerária e aleatória. Sei que nem o editor, nem o tradutor, nem o autor, podemos correr tamanho risco. E pensando assim, reconheço também que temos de fazer

<sup>36</sup> Idem, pág. 12/13, entrevista a Günter Lorenz em 1965 reproduzida no *Correio da Manhã* de 3 de junho de 1971.

<sup>37</sup> O Estado de São Paulo, Caderno 2, 27 de Maio de 2006.

sacrifícios”<sup>38</sup>.

Pode-se concluir dizendo que as traduções de Meyer-Clason contribuíram enormemente para o enriquecimento do idioma alemão e para o alargamento dos horizontes de sua literatura. As obras traduzidas acabam fazendo parte da literatura do país para o qual elas foram traduzidas.

Afinal, ao incorporar Guimarães Rosa, a língua alemã teve de fazer malabarismos profundos, o que a obrigou a se flexibilizar, o que significa se desenvolver e fortalecer-se. Colocando em prática o princípio estabelecido por Walter Benjamin, o alemão se aportuguesou através da literatura de Guimarães Rosa por intermédio da tradução de Curt Meyer-Clason. Ou, nas palavras do escritor mineiro “a gente morre é para provar que viveu”<sup>39</sup>.

**Recebido em 15/09/2008**  
**Aprovado em 25/09/2008**

---

<sup>38</sup> *João Guimarães Rosa - Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*, Ed. Nova Fronteira/UFMG/ABL, 1º edição, 2003, pág. 113.

<sup>39</sup> Discurso de posse da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 15 de novembro de 1967.